



OBITUÁRIO

Profissional é uma referência no tratamento de câncer no reto e teve o nome registrado na lista dos 2% de cientistas mais influentes do mundo. Ela foi a primeira mulher a ser aceita na pós-graduação do St. Mark's Hospital, na Inglaterra

» RENATO SOUZA
» ISAC MASCARENHAS

A medicina brasileira perdeu, no último sábado, a médica e pesquisadora Angelita Habr-Gama, aos 92 anos. Por décadas, a profissional foi considerada referência no tratamento de câncer no reto. Mundialmente reconhecida por suas inovações na coloproctologia, especialidade focada também nas doenças do intestino grosso, a médica encontrava-se internada desde 6 de maio no Hospital Alemão Oswaldo Cruz, em São Paulo. A instituição confirmou o óbito, mas não divulgou a causa da morte.

Em uma especialidade dominada por homens, Angelita foi uma das primeiras mulheres a fazer residência na área de cirurgia na Faculdade de Medicina da USP e a primeira mulher a ser aceita na pós-graduação do St. Mark's Hospital, na Inglaterra.

Nascida em 1933, na Ilha de Marajó, no Pará, e filha de imigrantes libaneses, migrou para São Paulo ainda criança e entrou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) em 1952. Durante uma carreira que durou seis décadas, ela rompeu barreiras históricas em ambientes majoritariamente masculinos, consolidando-se como a primeira mulher a assumir o cargo de professora titular em uma área cirúrgica da USP.

Na ciência médica, a principal herança deixada pela pesquisadora é a criação e consolidação do protocolo "Watch and Wait". A abordagem representou uma quebra de paradigmas no tratamento de tumores no reto ao demonstrar que pacientes com resposta integral à quimiorradioterapia poderiam preservar o órgão, dispensando intervenções cirúrgicas agressivas e alterando de forma definitiva as diretrizes médicas globais.

A trajetória acadêmica da cirurgiã resultou na publicação de centenas de artigos científicos indexados e na conquista de mais de cinquenta prêmios no Brasil e no exterior, incluindo a Medalha do Pacificador e o Mérito Santos-Dumont. Sua relevância a incluiu na lista de mulheres mais influentes do país pela revista *Forbes*, além de integrar um ranking de 2022 da Universidade Stanford, dos Estados Unidos, que mapeou os 2% de cientistas mais impactantes de todo o mundo.

A profissional também criou a disciplina de Coloproctologia do Hospital das Clínicas da USP, coordenou o programa nacional de prevenção do câncer colorretal da Organização Mundial de Gastroenterologia e fundou a Associação Brasileira de Prevenção do Câncer de Intestino.

Angelita Gama, pioneira da medicina

reprodução



"Reconhecida como uma das mais brilhantes cirurgiãs do país, Angelita Gama teve uma vida marcada por grandes feitos, entre eles o de ter sido a primeira mulher como professora titular de uma especialidade cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (Coloproctologia). Anos depois, foi a primeira mulher a entrar para a centenária sociedade cirúrgica American Surgical Association como membro honorário", citou o Hospital Alemão Oswaldo Cruz, em nota. A médica

fazia parte do corpo clínico da instituição desde a década de 1980.

"Seu imenso legado é largamente reconhecido pelos cirurgiões colorretais, cirurgiões gerais e do aparelho digestivo que atuam no Brasil e em todo o mundo", reforçou, também, a Sociedade Brasileira de Coloproctologia (SBCP), em nota. Recentemente, o nome de Angelita foi incluído na lista dos 2% de cientistas mais influentes do mundo, em ranking elaborado pela Universidade de Stanford. "Este

reconhecimento reforça não apenas a autoridade científica da médica brasileira, mas também o impacto de suas pesquisas e publicações na área de coloproctologia mundial", afirmou o texto.

Entre essas pesquisas, chama particular atenção o seu trabalho no tratamento do câncer colorretal, um verdadeiro marco nessa área. O feito foi reconhecido pela renomada Sociedade de Cirurgia de Boston, dos Estados Unidos, que concedeu à médica, em 2023, a medalha Bigelow, oferecida

a cirurgiões com destacada contribuição para o progresso científico e ensino da cirurgia. Angelita foi a primeira mulher no mundo a receber tal honraria.

Protocolo internacional

Na década de 1990, um time liderado pela médica criou um protocolo que transformou o tratamento do câncer de reto. Ele prevê que, em vez de operar todos os pacientes com esse tipo de tumor, se utilize quimioterapia e radioterapia. Após as intervenções, o paciente é examinado para verificar se a lesão permanece. Se sim, ele é operado. Se não, ele segue sendo acompanhado. A estratégia marcou a medicina mundial.

"Naquela época, o paciente passava pela quimioterapia e radioterapia e, mesmo assim, independentemente do resultado, fazia a cirurgia. O que começamos a observar foi que, em alguns casos, quando tirávamos parte do colo na cirurgia e mandávamos para a biopsia, não havia sinal de tumor, ou seja, ele já havia sido eliminado pela radio e quimioterapia. Ou seja, muitos pacientes tinham passado pela cirurgia e pela colostomia sem necessidade", explicou Angelita ao *Estadão*, em 2014.

Foi então que a médica passou a comparar em pesquisas os resultados dos dois tipos de tratamento: com e sem cirurgia. Inicialmente, o trabalho não foi bem recebido pela comunidade científica internacional. "Fui em congresso americano apresentar esse trabalho e fui bombardeada. Me disseram que não era ético não operar o paciente. Hoje, é aceito mundialmente que câncer de reto, quando o tumor desaparece, não deve ser operado", contou a médica.

Vale lembrar que o reto é a porção final do intestino grosso, e os pacientes que desenvolvem tumores nessa região tinham que, obrigatoriamente, tirar parte do órgão. Em boa parte dos casos, a cirurgia tinha como consequência a colostomia, técnica que exterioriza o intestino para que as fezes passem a ser eliminadas por meio de uma bolsa acoplada ao corpo do paciente.

Portanto, a abordagem inédita criada por Angelita garantia o mesmo resultado aos pacientes que tivessem resposta satisfatória a químico e rádio, mas com grande impacto positivo na qualidade de vida do indivíduo.

"Eu gostaria que, num futuro próximo, antes de eu morrer, a gente chegasse a um tratamento com radioquimioterapia que tivéssemos 100% dos pacientes com resposta completa, ou seja, com desaparecimento do tumor sem necessidade de cirurgia", relatou.

SAÚDE EM RISCO

O preço oculto dos anabolizantes

» RAFAELA BONFIM*

A promessa de ganho rápido de massa muscular pode esconder consequências graves para a saúde. Utilizados sem indicação médica por milhares de jovens e frequentadores de academias, os esteroides anabolizantes alteram o funcionamento natural do organismo e estão associados ao aumento do risco de infarto, acidente vascular cerebral (AVC), câncer, insuficiência cardíaca, infertilidade, lesões no fígado e transtornos psiquiátricos. Médicos alertam que parte dessas complicações pode surgir ainda nos primeiros meses de uso.

O assunto voltou ao centro do debate após a morte do influenciador e fisiculturista Gabriel Ganley, de 22 anos. Embora a causa apontada no atestado de óbito tenha sido cardiomiopatia hipertrófica, especialistas destacam que o uso prolongado e indiscriminado de anabolizantes está relacionado a alterações estruturais no coração, favorecendo arritmias, espessamento do músculo cardíaco, insuficiência cardíaca e episódios de morte súbita. Para endocrinologistas e médicos do esporte, o crescimento do consumo dessas substâncias exige atenção diante dos riscos cada vez mais evidentes para diversos órgãos e sistemas do corpo humano.

Dependendo da dose, do tempo de uso e da predisposição individual, algumas alterações podem ser permanentes"

Igor Trotte, endocrinologista

Os anabolizantes são derivados sintéticos da testosterona e atuam diretamente sobre o sistema hormonal. Diferentemente de suplementos alimentares, como proteínas, vitaminas e creatina, eles interferem em mecanismos biológicos complexos, modificando o funcionamento cardiovascular, metabólico, reprodutivo e neurológico. Segundo especialistas, os efeitos podem atingir, simultaneamente, diferentes órgãos e deixar sequelas permanentes, mesmo após o fim do uso.

O uso dessas substâncias ocorre, muitas vezes, sem prescrição e associado a práticas sem comprovação científica, como "ciclos", combinação de drogas e aumento progressivo das doses. A Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia alerta que essas estratégias não reduzem os riscos. Ao contrário, podem potencializar os danos ao coração, ao fígado, aos rins e ao sistema hormonal. Entre os efeitos mais frequentes estão hipertensão arterial, aumento do colesterol ruim, queda do colesterol bom, retenção de líquidos e espessamento do músculo cardíaco, quadro que favorece insuficiência cardíaca e morte súbita.

O endocrinologista Igor Trotte afirma que os efeitos hormonais podem persistir mesmo após a interrupção do uso.

CFM/Divulgação



Segundo especialistas, os efeitos podem atingir diferentes órgãos e deixar sequelas permanentes, mesmo após o fim do uso

"Dependendo da dose, do tempo de uso e da predisposição individual, algumas alterações podem ser permanentes", destaca. Nos homens, o organismo reduz drasticamente a produção natural de testosterona ao identificar excesso hormonal circulando no sangue. Isso pode provocar infertilidade, diminuição dos testículos, perda da libido e disfunção sexual. Em mulheres, os efeitos incluem engrossamento irreversível da voz, aumento de pelos, alterações menstruais, queda capilar e hipertrofia do clitóris.

Além dos impactos físicos, especialistas apontam crescimento de transtornos emocionais relacionados ao uso dessas drogas. Irritabilidade, agressividade, ansiedade, alterações de humor, insônia e episódios depressivos estão entre os sintomas mais relatados. Daniella Khouri ressalta

que "muitos usuários desenvolvem dependência psicológica relacionada à imagem corporal e ao desempenho físico". O quadro costuma se agravar após a suspensão das substâncias, período em que há queda brusca hormonal, fadiga intensa e desânimo persistente.

Outro ponto de preocupação é a popularização do consumo entre adolescentes e jovens adultos influenciados por padrões estéticos nas redes sociais. Médicos alertam que, nessa fase da vida, o organismo ainda está em desenvolvimento hormonal e ósseo, o que amplia os riscos de sequelas permanentes. "Mesmo indivíduos jovens, treinados e aparentemente saudáveis podem desenvolver complicações graves, incluindo infarto, AVC, arritmias e infertilidade", afirma Trotte. Para especialistas, o ganho de massa

muscular saudável continua baseado em treino adequado, alimentação equilibrada, recuperação física e acompanhamento multiprofissional.

Embora existam indicações médicas legítimas para o uso hormonal, como hipogonadismo e algumas doenças crônicas, endocrinologistas reforçam que qualquer terapia deve ocorrer sob supervisão especializada e com exames regulares. O uso recreativo, sobretudo em doses elevadas e sem controle clínico, aumenta, significativamente, o risco de complicações graves. Médicos ainda chamam atenção para o crescimento do mercado clandestino, marcado por produtos falsificados e sem controle sanitário, o que torna o cenário ainda mais perigoso.

* Estagiária sob a supervisão de Fábio Grecchi